

# REVISITANDO UM CLÁSSICO DA HISTÓRIA SOCIAL: A ESTRUTURA NARRATIVA DE A FORMAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA INGLESA

ALEXANDRE FORTES<sup>1</sup>  
AMANDA MOREIRA DA SILVA<sup>2</sup>

---

1- Professor do Departamento de História e Economia e do Programa de Pós-Graduação em História - UFRRJ.  
2- Aluna de graduação da UFRRJ e Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq).

---

**RESUMO: FORTES, A., SILVA, da A. M. Revisitando um clássico da história social: A estrutura narrativa de *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n 2, p. 01-24, jul.-dez., 2007.** Este artigo apresenta uma descrição panorâmica dos temas analisados no livro *A formação da classe operária inglesa*, do historiador inglês Edward Palmer Thompson (1924-1993) e tece alguns comentários sobre a relação entre a estrutura narrativa da obra e a renovação conceitual da história social desencadeada pelo autor a partir daquele trabalho, que se transformou imediatamente em um clássico da história social imediatamente após o lançamento da edição original inglesa de 1963.

**ABSTRACT: FORTES, A., SILVA, da A. M. Revisitando um clássico da história social: A estrutura narrativa de *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n 2, p. 01-24, jul.-dez., 2007.** This article presents an overview of the issues analyzed in English historian Edward Palmer Thompson's (1924-1993) book *The Making of the English Working Class* and draw some commentaries regarding the relationship between the book's narrative structure and the conceptual renewing in social history unleashed by the author since the 1963 release of the original English printing of that work, which immediately became a social history classic.

## INTRODUÇÃO

Esse artigo apresenta uma descrição panorâmica dos temas analisados no livro *A formação da classe operária inglesa*<sup>1</sup>, do historiador inglês Edward Palmer Thompson (1924-1993) e tece alguns comentários sobre a relação entre a estrutura narrativa da obra e a renovação conceitual da história social desencadeada pelo autor a partir daquele trabalho, que se transformou imediatamente em um clássico da história social imediatamente após o lançamento da edição original inglesa de 1963.

Ele se constitui num dos produtos gerados a partir de projeto de iniciação científica desenvolvido desde 2006 com apoio de bolsa do PIBIC (CNPq-UFRRJ). Foi elaborado tendo como principais bases, de um lado, o estudo sistemático desenvolvido há vários anos pelo primeiro autor (orientador) sobre a obra de Thompson, que gerou diversas publicações anteriores, individuais<sup>2</sup> ou em co-autoria<sup>3</sup>, e, de outro, o minucioso fichamento dos três volumes da edição brasileira de *A formação* elaborado pela segunda autora (orientanda).

A relevância deste trabalho está vinculada à análise, feita em trabalhos anteriores do primeiro autor sobre o tema, de que aspectos importantes do debate teórico-metodológico desenvolvido por Thompson em *A formação* passam muitas vezes despercebidos numa primeira leitura devido à alta densidade empírica e até mesmo ao tom apaixonado e envolvente da obra:

“Ao mesmo tempo, se atende plenamente às exigências do rigor acadêmico (a ponto de tornar-se um dos trabalhos historiográficos mais citados do século XX), seu tom literário e sua narrativa heterodoxa cativam até mesmo os leitores nada familiarizados com o cipoal de personagens, fatos e processos peculiarmente ingleses com o qual Thompson pouco a pouco constrói sua teia. Na verdade, é necessário embrenhar-se junto com o autor nessa especificidade para, pouco a pouco, identificar os elementos que tornaram esse trabalho objeto de interesse universal.”<sup>4</sup>

Ao apresentar detalhadamente o relato thompsoniano nas próximas seções, damos continuidade ao exercício de identificação dos fios condutores da narrativa de *A formação*, apresentado de forma mais sintética e analítica em trabalho anterior.<sup>5</sup> A proposta aqui, portanto, não é apresentar alguma contribuição inovadora ao debate teórico sobre o livro, seu papel na definição dos rumos sociais a partir da década de 1960 e sua atualidade, o que realizamos em alguma medida nos trabalhos acima citados, mas sim oferecer uma primeira versão de um instrumento didático que possa ser útil para os interessados num estudo sistemático e aprofundado da obra de Thompson.

## VOLUME I - A ÁRVORE DA LIBERDADE<sup>6</sup>

“A Formação da classe operária” articula a análise de vários processos condicionantes da ação humana. No prefácio, o autor já traz grandes contribuições para o entendimento do conceito de classe, ao diferenciar “classes” como um termo descritivo das subdivisões existentes entre os trabalhadores, de “classe” entendida como um fenômeno mais geral. O autor também explicita a diferença entre “experiência de classe”, que é “determinada pelas relações de produção que os homens se encontram, e a “consciência de classe” que, diferentemente da anterior, é determinada por valores culturais.

Thompson critica as formas de definição de classe mais comumente utilizadas por várias escolas teóricas até então e diz que “a classe é uma relação, e não uma coisa”, sendo definida pelos próprios homens enquanto vivem a história. Portanto, a intenção do livro é oferecer uma contribuição para compreender a classe como uma formação social e cultural.

Na primeira parte do livro, o autor trata das tradições populares do século XVIII na Inglaterra, que tiveram forte contribuição para a agitação jacobina nos anos 1790. No primeiro capítulo, trata das sociedades de correspondência inglesas, em especial da Sociedade Londrina de Correspondência (SLC), descrevendo como se deu seu surgimento. Esta sociedade de perfil “radical popular” tinha como lema “um número ilimitado de membros” e tinha como objetivo discutir a Reforma Parlamentar, demonstrando claramente o seu caráter democrático. O número de membros de fato logo aumenta, a SLC expande-se entre as mais diversas categorias de trabalhadores e inicia-se paralelamente a repressão a seus precursores e a mobilização desencadeada pela sociedade parece dispersar-se. A SLC embora pela sua composição social pudesse ser definida como uma sociedade de caráter “radical popular”,

segundo Thompson, tinha “a natureza de uma ‘organização operária’”:

“Eis o trabalhador como secretário. Eis a baixa subscrição semanal. Eis o entrecruzamento de temas políticos e econômicos – ‘a dureza dos tempos’ e ‘a Reforma Parlamentar’. Eis a função da reunião, tanto como ocasião social quanto centro para a atividade política. Eis a atenção realista para a formalidade de procedimentos. Eis, acima de tudo, a determinação de propagar opiniões e de organizar os adeptos, contida na diretriz: que o número de nossos Membros seja ilimitado.

Hoje poderíamos passar por tal norma como se fosse lugar comum: no entanto, é um dos eixos onde gira a história. Significa o término de qualquer noção de exclusividade, de política como reserva de uma elite hereditária ou de um grupo proprietário.”<sup>7</sup>

O segundo capítulo mostra as influências da dissidência religiosa e sua contribuição para o movimento operário e sua organização. Segundo Thompson, a dissidência, entendida aqui como as várias seitas religiosas desvinculadas da Igreja Anglicana, trabalhava pelas liberdades civis e religiosas. Alguns de seus ramos, influenciados por ideais Iluministas, combinavam o “radicalismo adormecido” e a hostilidade em relação ao Estado, com a forma democrática de organização. Isto se evidenciava mais entre os quacres e os batistas. O “radicalismo adormecido” é encontrado num texto de forte influência para o movimento operário inglês, o “Progresso do peregrino”. Este texto somado a “Direitos do homem” de Tom Paine foram de grande contribuição<sup>8</sup>. “Bunyan<sup>9</sup> e Paine<sup>10</sup>, com Cobbett<sup>11</sup> e Owen<sup>12</sup>, foram os que mais contribuíram para o conjunto de idéias e

*atitudes que compõe a matéria-prima do movimento de 1790 a 1850.” (p.31)*

A dissidência acaba se tornando algo distanciado e de pouca atração popular, devido ao seu caráter intelectual para a grande massa pobre. Batistas e Metodistas buscavam uma maior aproximação com os pobres, e os metodistas foram os primeiros a chegarem até eles. Wesley<sup>13</sup> “vinha com a mensagem abrangente: “*A única coisa a fazer é salvar almas*” (p.37). Apesar do conservadorismo empedernido do seu fundador, o metodismo, da forma como foi pregado e vivido por muitos de seus grupos de base “*conseguiu combinar nas proporções exatas democracia e disciplina, doutrina e emotividade*” e ainda “*facilitou a admissão a essas sociedades, derrubando todas as barreiras das doutrinas sectárias.*” (p.38).

Segundo Thompson existem várias interpretações da contribuição do metodismo para o movimento operário. Pois se de um lado ofereceu uma base inicial para os organizadores radicais e sindicalistas, oferecendo autoconfiança e capacidade de organização, por outro, é fácil reconhecer o caráter reacionário e subserviente do wesleyanismo oficial. A lealdade perante ao rei e a adesão à constituição eram bases do wesleyanismo, e, segundo Halévy<sup>14</sup>, citado por Thompson, “*o metodismo impediu a revolução na Inglaterra nos anos 1790.*” (p.42)

Depois da morte de Wesley, fundador do metodismo, houve um ascenso democrático influenciado pelo jacobinismo que teve os “Direitos do homem” como tendência.

*“É impossível oferecer um resumo fácil da tradição dissidente, que foi um dos elementos precipitados pela agitação jacobina inglesa. É a sua diversidade que desafia qualquer generalização, e é ela a sua mais importante característica. Na complexidade de seitas concorrentes e capelas divididas temos o viveiro para as variantes da cultura operária do século 19.” (p.52).*

A dissidência pode ser vista como uma tradição intelectual, de onde saíram muitas idéias e homens originais e de grande contribuição.

O terceiro capítulo, “As Fortalezas de Satanás”, leva este nome para denominar os “pobres de cristo” do final do século 18: pecadores penitentes, assassinos, bêbados, ladrões, etc. Thompson comenta que era fácil a identificação de grande parte da população pobre com essa caracterização presente nas obras evangelizadoras, pois qualquer pessoa sem emprego e propriedade teria de se manter por meios ilícitos.

Na época da Revolução Francesa houve uma atmosfera de pânico, o que ocasionou o despertar das classes trabalhadoras, trazendo preocupações às classes altas. Isso fez com que pessoas de posse vissem a necessidade de conter a turbulência de forma a pôr em ordem a situação dos pobres. A nobreza se via atemorizada pela multidão faminta e pela forte adesão popular aos “Direitos do homem” de Tom Paine. “A mensagem para os pobres trabalhadores era simples, e foi resumida por Burke<sup>15</sup>, no ano de fome de 1795: ‘Paciência, trabalho, sobriedade, frugalidade e religião é o que se deve recomendar a eles; tudo o mais é pura fraude’.” (p.59). As formas de repressão aos crimes contra a propriedade eram duras: “Punia-se com a morte não só o pequeno roubo, mas as formas primitivas de rebelião industrial.” (p.63)

Em 1795, quando a fome e a escassez tomaram conta da Europa, a tradição popular se une as idéias jacobinas. O descontentamento popular não se dava ainda principalmente em relação aos salários, mas sim ao preço do pão. Os motins foram generalizados em torno dos alimentos e vinham legitimados por uma economia moral<sup>16</sup> mais antiga, que considerava imoral o aumento do preço dos alimentos para se aproveitar das necessidades do povo. As noções de barganha direta não permitiam que a mente popular aceitasse as leis da oferta e da procura, segundo as quais a escassez necessariamente levaria ao aumento de preços.

“Os últimos anos do século 18 presencia-ram um esforço desesperado do povo para reimpôr a economia moral mais antiga, em detrimento da economia livre de mercado.” (p.71).

Thompson destaca que nesta época a multidão londrina tinha um ânimo revolucionário e estavam descobrindo novas formas de organização.

No capítulo quatro, Thompson inicia descrevendo os conflitos eleitorais e a participação dos radicais que ao se elegerem davam início a tradição da “Londres Radical”. Em distritos como Westminster, os candidatos mais radicais na disputa eleitoral tendiam a vencer esmagadoramente. “Essa alteração está relacionada com as noções populares de ‘independência’, ‘patriotismo’ e ‘direito de nascimento’ do inglês.” (p.84). Além disso, tudo estava permeado pela retórica da liberdade, que deixou de ser exclusiva do discurso dos nobres e passou a fazer parte dos radicais. O “inglês livre de nascimento” reivindicava poucos direitos, ele próprio se sentia um individualista protegido pela constituição. Thompson destaca que havia uma total hostilidade em relação ao aumento dos poderes de qualquer autoridade centralizada. A liberdade em relação a ingerências do Estado e a crença na igualdade de ricos e pobres perante a lei constituíam uma fonte de verdadeira satisfação popular. Essa ideologia alimentou reivindicações de direitos positivos muito amplas.

Os reformadores radicais baseavam suas reivindicações na razão, na consciência e no interesse próprio. Essas idéias sofriram grande resistência por parte de muitos ingleses do século 18, que possuíam um forte ideal constitucionalista. A Revolução Francesa trouxe uma nova constituição, redigida à luz da razão, e ao atacá-la, Burke em “Reflexões sobre a Revolução Francesa” (1790)<sup>17</sup>, deslocou pela primeira vez o campo do debate para fora do terreno dos argumentos constitucionais. Foi em reação a Burke que Paine escreveu “Os Direitos do homem”,

considerado um texto fundador do movimento operário inglês. Ao contrário do texto de Burke, neste texto Paine fala pelos governados e oferece uma definição de classes, a dos que pagam impostos e a dos que vivem deles, além de fazer uma severa crítica à Constituição. As idéias de Paine levaram-no a várias propostas para cortar os custos do governo, e isto deu uma nova disposição à agitação reformista.

“O que Paine deu ao povo inglês foi uma nova retórica de igualitarismo radical, que afetou as reações mais profundas do ‘inglês livre de nascimento’ e penetrou nas atitudes subpolíticas do operariado urbano.” (p.102)

Segundo Thompson, esse otimismo e esse radicalismo reproduziram-se repetidamente no movimento operário do século 19. Mas é importante ressaltar que essa doutrina de Paine foi feita para agitação nas sociedades de correspondência e não desafiou os direitos de propriedade dos ricos. E em termos de democracia, ele pretendia nivelar privilégios hereditários, mas não visou o nivelamento econômico. Isso não altera o fato de que, na memória dos trabalhadores, o que prevaleceu foi que Paine viera “plantar a árvore da liberdade”.

Após fazer esta exposição, no último capítulo do primeiro volume de *A formação*, Thompson segue analisando esta noção de liberdade e as agitações por uma democracia inglesa que, embora tenham sido inspirados pelos acontecimentos de 1789 na França, possuíam suas peculiaridades. Em 1792, o aumento dos seguidores das idéias de Tom Paine, insatisfeitos com a constituição inglesa cresce significativamente e a profundidade da agitação democrática na Inglaterra vem perturbar a “paz” do país. Em contrapartida, magistrados e cléricos promoviam discursos condenando Paine e formavam-se sociedades da pequena nobreza, visando preservar a “Gloriosa Constituição da Velha Inglaterra”. O rei inicia uma nova era repressiva. As sociedades populares, porém, embora enfraquecidas, resistem, e acabam por adquirir

dois novos temas: as injustiças econômicas e soluções sociais, e, novas formas de organização e comunicação. *A linguagem da reuniões anteriormente se restringia à Reforma Parlamentar: ‘Agora é claramente expressa a intenção de derrubar o governo do país’.*” (p.147). Iniciam-se cisões na SLC e formam-se novas sociedades. A questão “social” passa a ocupar cada vez mais o primeiro plano, e é neste contexto que aparece outra influência que ganhava novos adeptos. Thomas Spence<sup>18</sup>, que trouxe as idéias não só de reforma parlamentar, mas também a de expropriação de terras dos aristocratas e formação de cooperativas. Havia também outras correntes como a de Place<sup>19</sup>, que considerava a educação política entre os trabalhadores como a principal função das sociedades operária. E, Binns<sup>20</sup> que representava outra corrente, lutava pela derrubada da Monarquia e implementação da República.

Neste período a SLC cresceu rapidamente saindo de seu círculo restrito e passando a chegar aos trabalhadores assalariados. As sociedades cindidas também prosperavam e em torno delas cresciam outros grupos com ideais republicanos. Segundo Thompson, o clima de miséria assolava a Inglaterra, o que acabou ocasionando várias rebeliões e motins com questionamentos de classe. A miséria era atribuída à corrupção parlamentar e havia fortes ataques ao rei. Tais motins foram atribuídos à SLC. A tentativa de propagação da SLC se deu na forma de reconstruir uma organização nacional, e para isso foram enviados delegados para as províncias. Mas essa correspondência com as províncias se deu de forma superficial e a sociedade de Londres entra numa fase de desintegração.

Outra sociedade de correspondência de grande influência foi a “Sociedade de Sheffield<sup>21</sup>”, que, como a SLC teve processo semelhante de formação e também cresceu aceleradamente. Era um centro ideal para a agitação jacobina e tinha tradição de independência democrática. Tinha como objetivo mostrar ao povo a razão e o motivo

de todos os seus sofrimentos. Além disso os membros “*levavam as doutrinas de Paine ao seu limite: democracia absoluta, oposição total e radical à monarquia e aristocracia, ao Estado e aos impostos.*” (p.172-173). Outras idéias que se incorporavam como uma nova corrente política foram aquelas levantadas por Thelwall<sup>22</sup> em “Os Direitos da Natureza” onde se dedicou a analisar o “Sistema Feudal” e a “Origem e Distribuição da Propriedade”. “*Thelwall levou o jacobinismo às margens do revolucionarismo.*” (p.176) Em relação a SLC, os revolucionários estavam ligados ao nome de Spence e ao seu “socialismo agrário”, que questionava a aristocracia hereditária e a propriedade privada da terra. Spence tinha uma definição de classe mais clara do que a oferecida por Tom Paine e ainda levantava a causa da libertação sexual.

A perseguição e a repressão fizeram com que houvesse uma desilusão dos intelectuais jacobinos e acarretaram uma separação entre estes e os trabalhadores, o que provocou uma desorganização. Mas ainda assim os trabalhadores lutaram para manter algum tipo de organização ilegal, mesmo assim sem ter uma liderança nacional. Os jacobinos plebeus, isolados, foram obrigados a se organizarem de forma independente ou clandestina com uma forte orientação “à esquerda”. Com o passar do tempo as sociedades de correspondência fracassam e verifica-se que “*as sociedades populares eram frágeis demais e por demais inexperientes para executar, por elas mesmas, seja a reforma ou a revolução.*” (p.196). Contudo, os efeitos das sociedades eram grandes, induziam homens à leitura, ensinava-os a pensar criticamente e isso descreve os primeiros estágios da auto-educação política de uma classe. E as crises revolucionárias populares surgem da junção das injustiças sofridas pela maioria com a articulação da minoria politicamente consciente.

## VOLUME II - “A MALDIÇÃO DE ADÃO”<sup>23</sup>

No segundo volume de *A formação*, Thompson expõe como a classe operária se forma no período da Revolução Industrial, abordando questões como as condições de vida dos trabalhadores, a religião, o uso do tempo livre, reinterpretando historicamente o período e trazendo valiosas contribuições.

No primeiro capítulo, o autor realiza uma análise de como se dava a exploração dos trabalhadores e a conseqüente agitação popular, o advento das fábricas, da energia do vapor e da indústria algodoeira. Thompson ressalta que todos os relatos clássicos sobre as condições da Revolução Industrial, estão baseados na indústria do algodão, e diz que esta indústria foi certamente a pioneira na Revolução Industrial, sendo a tecelagem o modelo proeminente para o sistema fabril. Porém, “*a ênfase excessiva sobre o caráter inovador das tecelagens pode levar ao menosprezo da continuidade das tradições políticas e culturais na formação das comunidades da classe operária*” (p.16). E, ainda faz uma crítica a Engels<sup>24</sup> quando este diz que os operários são os “filhos primogênitos da Revolução Industrial”.

O autor destaca a grande diversidade de ofícios e ocupações dos trabalhadores, assim como as diferenças existentes no seio da classe trabalhadora no período de 1790 a 1830, e diz que esta preocupação é necessária para entender a formação da “classe operária” no período. Esta formação se deu, em primeiro lugar, no crescimento da consciência de classe entre estes diversos grupos de trabalhadores contra o interesse de outras classes, e, em segundo lugar, no crescimento das formas correspondentes de organização política e industrial. Enfim, tanto o contexto político quanto a máquina a vapor tiveram influência decisiva sobre a formação da consciência e das instituições da classe operária. “*O fazer-se da classe operária é um fato tanto da história política e cultural quanto da econômica. Ela não foi gerada espontaneamente pelo sistema fabril.*” (p.17)

E ainda destaca,

*“As mutáveis relação de produção e as condições de trabalho mutável da Revolução Industrial não foram impostas sobre um material bruto, mas sobre ingleses livres – livres como Paine os legou ou como os metodistas os moldaram [...]. A classe operária formou a si própria tanto quanto foi formada”* (p.17)

Esta nova análise da classe operária contrapõe-se às clássicas versões e assegura um campo de batalha acadêmico. O autor destaca como esse debate se dá a partir da situação do trabalhador industrial, afirmando as duas visões existentes: uma clássica ortodoxia catastrófica, de conflitos e opressão de classe; e uma nova ortodoxia anticatastrófica que se distingue mais claramente por sua cautela empírica. Para o autor, os estudos desta nova ortodoxia enriqueceram o conhecimento histórico e revisa aspectos importantes da escola clássica, porém:

*“Os sucessores dos grandes empiristas exibem com demasiada freqüência uma complacência moral, uma estreiteza de referência e uma familiaridade insuficiente com os movimentos reais da população trabalhadora desse período.”* (p.19).

Reafirmando que “o que representou, em princípio, uma modificação valiosa, se converteu, através de estágios imperceptíveis, em novas generalizações (raramente sustentadas pelas evidências) e das generalizações se passou a uma atitude normativa.” (p.19)

Retomando ao processo de exploração, o autor afirma que: *“O empreendimento em larga escala, o sistema fabril, com sua nova disciplina, as comunidades fabris – onde o industrial não só se enriquecia com o trabalho de sua “mão-de-obra”, como também se podia vê-lo*

*enriquecer no decorrer de uma única geração – tudo contribui para a transparência do processo de exploração e para a coesão social e cultural do explorado.”* (p.22).

E, assim conclui:

*“podemos agora constatar parte da natureza verdadeiramente catastrófica da Revolução Industrial e algumas das razões pelas quais a classe operária se formou nestes anos. O povo foi submetido, simultaneamente, à intensificação de duas formas intoleráveis de relação: a exploração econômica e a opressão política.”* (p.23)

A partir daí, Thompson descreve paulatinamente a brutalidade nas condições de trabalho advindas da máquina a vapor e as injustiças sofridas pelos trabalhadores com as mudanças ocorridas no caráter da exploração capitalista, tais como: a ascensão de uma classe de mestres, a distância entre os mestres e os outros homens, a perda de status de alguns setores, a redução de trabalhador à dependência dos instrumentos de produção do mestre, a parcialidade da lei e todos os fatores que reduziram o homem ao status de “instrumento”.

Todos estes fatores levaram a intensas insatisfações e os primeiros anos da década de 1830 foram marcados por agitações que levantaram questões que iam além de melhores salários.

*“Só é possível escrever a história da agitação popular destes anos através de um esforço de imaginação suficiente para compreender como o ‘oficial tecelão’ interpretou as evidências<sup>25</sup>. Ele se referiu aos ‘patrões’, não como um agregado de indivíduos, mas como uma classe. Como tal, eles lhe negaram direitos políticos.”* (p.32).

Nota-se que os trabalhadores não conspiravam em torno deste ou daquele fato em particular, mas da relação essencial de exploração a qual estavam submetidos.

O autor encerra este primeiro capítulo do segundo volume ingressando no debate sobre se o padrão de vida subiu ou decaiu no período. Notamos que alguns trabalhos enfatizam a depreciação e ignoram as melhorias, outros enxergam apenas as melhorias no período. Entre pessimistas e otimistas, Thompson destaca:

“o Dr. Hobsbawm não registrou qualquer melhoria perceptível no padrão de vida até a metade da década de 1840; por sua vez, o professor Ashton notou uma atmosfera econômica ‘mais estimulante’ após 1821.” (p.34)

Após analisar exaustivamente os argumentos de ambos os lados, Thompson conclui “em meio século de acelerado desenvolvimento industrial, o padrão de vida permanecia ao nível de subsistência para grandes grupos de trabalhadores, ainda que indeterminados.” (p.35). E acrescenta:

“Durante o período de 1790 a 1840 houve uma ligeira melhoria dos padrões materiais médios. No mesmo período, observou-se a intensificação da exploração, maior insegurança e aumento da miséria humana.” (p.38)

Nos três capítulos seguintes, o autor irá analisar três grupos de trabalhadores e as mudanças trazidas às suas vidas pela Revolução Industrial: dos trabalhadores rurais, dos artesãos urbanos e dos tecelões artesanais. Começando pelos trabalhadores agrícolas, que entre 1790 e 1830 era o maior grupo de trabalhadores dentre todos os setores. O autor analisa minuciosamente as diferentes formas de trabalho nas fazendas, diferenciando-as e investigando uma a uma, pois considera que a ocorrência das diferentes injustiças poderia ser considerada de uma forma completamente distinta em diferentes épocas e regiões. Além disso, ressalta o fato mais importante: a

redefinição da natureza da propriedade agrária, os cercamentos, que representaram claramente um caso de roubo de classe, segundo palavras do autor.

“A distinção que parecia ‘bastante clara’ de acordo com as relações de propriedade capitalistas, significava uma ruptura na estrutura tradicional dos costumes e dos direitos dos aldeões: a violência social dos cercamentos constituiu precisamente na imposição total e drástica das definições de propriedade capitalista sobre as vilas (...). Na verdade, os cercamentos representaram o ponto culminante de um longo processo secular em que as relações consuetudinárias dos homens com os meios de produção agrícolas foram corroídas.” (p.46)

A perda das terras comunais acarretou uma profunda sensação de destituição para os pobres, e com isso observou-se violentos processos contra os cercamentos. Os motins, a destruição de cercas, as cartas ameaçadoras e os incêndios foram cada vez mais comuns. Esses motins acabaram se dando entre os trabalhadores rurais e urbanos, ocorrendo um autêntico movimento de destruição de máquinas, que estavam comprovadamente provocando o desemprego dos trabalhadores. E, embora nunca tivesse ocorrido uma agitação nacional coerente, os protestos no meio rural sempre giravam em torno do direito à terra e alimentava um ódio especial ao clero que consumia dízimos.

A seguir, o Thompson desloca-se para o meio urbano. O segundo grupo a ser analisado são os artesãos. O autor inicia a análise deste grupo ressaltando as diferenças entre as várias categorias, que eram muito significativas e importantes para a compreensão, devido à não-homogeneização que torna até mesmo difícil a análise do padrão de vida entre estes trabalhadores.

Superficialmente, eles poderiam ser classificados como: mestres, artesãos autônomos e trabalhadores não qualificados. Porém dentre estes haviam enormes diferenças e classificações internas, cabendo várias subdivisões, além das mudanças em termos morais e intelectuais geradas pela perda de status de muitas ocupações em função das transformações no processo e no mercado de trabalho, enquanto em outros casos surgia uma verdadeira aristocracia de trabalhadores especializados.

Outro ponto de destaque refere-se às organizações sindicais. Thompson afirma que estas organizações tinham os artesãos como a maioria de seus membros, sendo entre eles que os movimentos religiosos e educacionais floresceram e o owenismo criou as mais profundas raízes, além disso, analisa a influência deste grupo sobre o radicalismo político, nos anos pós-guerra. Assim como abordado anteriormente no caso da agricultura, o subemprego crônico também era o principal problema nas cidades.

*“Há evidências sugerindo que a situação se deteriorou entre as décadas de 1820 e 1830, até a de 1840 (...) a proporção de trabalhadores cronicamente subempregados crescia desfavoravelmente em relação aos plenamente empregados.”* (p.91)

*“Podemos afirmar com segurança que o artesão sentia que seu status e seu padrão de vida estavam ameaçados ou se deteriorando, entre 1815 e 1840. As inovações técnicas e a superabundância de mão-de-obra barata debilitaram sua posição. Ele não possuía direitos políticos, e o Estado procurava destruir seus sindicatos, mesmo que por simples capricho.”* (p.106-107)

A radicalização política dos artesãos se deu com base nas injustiças sofridas por estes trabalhadores. A perda de prestígio, a

degradação econômica, o desaparecimento do orgulho pelo ofício foram fatores que combinaram as injustiças reais sofridas e as condições de vida idealizadas pelos artesãos. Tudo isto, somado à aspiração por “independência” destes trabalhadores, marcou a história do radicalismo da classe operária em sua primeira fase.

*“Este fato ajuda-nos a explicar o repentino apoio ao owenismo, no final da década de 1820 – as tradições sindicais e o anseio pela independência fundiram-se na idéia do controle social sobre seus próprios meios de vida: uma independência coletiva.”* (p.107-108)

O último grupo a ser analisado pelo autor são os tecelões. E neste, como nos outros casos, Thompson também diferencia os diversos tipos de trabalhadores inseridos neste ofício, bem como as diferenças nas diversas regiões do país. Este grupo, embora em alguns aspectos e em momentos específicos tenha sido beneficiado, também sofreu uma perda sistemática de status. Em alguns casos, o status do mestre caía ao nível dos seus oficiais; já os oficiais conquistaram uma certa independência em relação ao mestre quando as fábricas começaram a contratá-los. Referindo-se à primeira fase da Revolução Industrial, na virada do século XVIII para o XIX, quando a mecanização tinha atingido em grande escala a fiação, mas ainda não a tecelagem, Thompson comenta *“Essa foi a ‘idade de ouro’ para o oficial tecelão, tanto no setor de lã quanto no de algodão.”* (p.123)

Contudo, esta prosperidade gerada pelo incremento da produção mecanizada de fios acaba dissimulando uma significativa perda de status. Entre 1788 e 1803, anos de relativa prosperidade, o artesão e o oficial-tecelão acabam convertendo-se todos no genérico “tecelão manual”, o que gerou uma diminuição significativa dos salários desta categoria. Uma enorme quantidade de mão-de-obra excedente, semi-empregada e indefesa, contribuía para o rebaixamento dos próprios salários. Houve, portanto, duas fases

na decadência dos tecelões manuais: a primeira, com o aparecimento do tear mecânico, que ocasiona a redução dos salários, mesmo que de forma psicológica. A segunda, quando o tear mecânico substituiu efetivamente a produção manual, continuando a diminuição salarial. Observa-se que a questão salarial passa a ser o alvo da principal reivindicação dos tecelões, após sucessivas reduções, reivindicavam a legalização do salário mínimo. “A deterioração das condições de vida dos tecelões era atribuída diretamente ao ‘abominável sistema de redução de salários’.” (p.137)

Todos estes fatores causavam imensa indignação, e as manifestações das comunidades têxteis acabam se aliando ao movimento cartista. O apego dos tecelões ao igualitarismo social superava até mesmo o dos artesãos urbanos. “Os tecelões perceberam claramente que ‘o capital e a propriedade estão protegidos, enquanto o seu trabalho é abandonado ao acaso’.” (p.155). Com isso percebemos a clareza na distinção entre capital e trabalho, estabelecendo assim uma consciência de classe efetiva entre os trabalhadores.

Após expor a experiência de mudança de vida destes três grupos de trabalhadores, o autor discute outros elementos não menos importantes para entender as mudanças no padrão de vida da população. No capítulo 5, inicia expondo como se dava o consumo de artigos básicos (alimentação, moradia e vestuário), além da questão da saúde e da mortalidade, essenciais para se entender o período. “Durante a Revolução Industrial, o preço do pão (e da farinha de aveia) era o principal índice para avaliar o padrão de vida, na opinião do povo.”. Do mesmo modo, “a carne certamente serve como um sensível indicador dos padrões materiais, pois seu consumo seria um dos primeiros a crescer quando houvesse qualquer aumento real dos salários.” (p.181)

Em relação ao meio urbano na época da Revolução Industrial, podemos constatar segundo apontamentos do autor, que o ambiente urbano realmente passou por uma

crescente deterioração. A estética, as moradias, o saneamento e a densidade demográfica foram fatores preocupantes. As piores condições foram observadas nas cidades que se expandiram mais rapidamente durante a Revolução Industrial.

“Nessa época, os trabalhadores estavam virtualmente segregados em seus redutos fétidos e as classes médias demonstraram sua verdadeira opinião sobre as cidades industriais, afastando-se delas tanto quando o transporte eqüestre lhes permitisse.” (...) “Certamente, uma taxa de crescimento populacional sem precedentes e a concentração nas áreas industriais criariam sérios problemas em qualquer sociedade, mas, principalmente numa que se fundamentasse na obtenção de lucro e na hostilidade ao planejamento. Podemos considerá-las como problemas inerentes à industrialização, agravadas pela tendência predatória do *laissez-faire* capitalista.” (p.188-189)

Em relação a outras questões, como saúde e mortalidade, as dificuldades interpretativas tornam-se ainda maiores. O autor afirma que menos de 10% dos habitantes das grandes cidades gozavam de perfeitas condições de saúde, e aponta as condições subumanas dos trabalhadores nas fábricas. Embora haja quem sustente que houve declínio da mortalidade infantil e aumento da expectativa de vida, estes casos se aplicam as classes médias e à aristocracia operária, não podendo ser aplicada à classe trabalhadora em geral. Além disso, o autor ainda analisa a questão do trabalho infantil, afirmando que “houve uma intensificação drástica da exploração do trabalho das crianças entre 1780 e 1840.” (p.202). O autor expõe ponto a ponto este episódio vergonhoso da história.

No capítulo 6, Thompson retoma a discussão religiosa, principalmente no que tange a influência do metodismo sobre a classe trabalhadora. No princípio do século XIX, o metodismo obteve grande êxito em servir simultaneamente como religião da burguesia industrial (apesar de compartilhar este terreno com outras seitas heterodoxas) e de amplos setores do proletariado. O que nos faz compreender o duplo serviço da Igreja metodista.

Para o proletariado, num período de excepcional miséria, o metodismo foi um “Novo Remédio para a pobreza” e era um fator fundamental para manter a disciplina do trabalho. E isto era de grande importância para o patrão- fabricante da Revolução Industrial que estava obcecado por estes problemas disciplinares do capitalismo industrial.

*“O sistema fabril requer a transformação da natureza humana, e os ‘paroxismos de trabalho do artesão ou do trabalhador externo devem ser metodizados até que o homem se adapte à disciplina imposta pela máquina.”* (p.239).

Thompson analisa brevemente as questões da teologia e afirma que

*“a teologia metodista, em virtude do seu oportunismo inescrupuloso, estava mais bem preparada do que qualquer outra para servir de religião a um proletariado que não tinha qualquer razão para se sentir ‘eleito’, em função da sua experiência social.”* (p.240).

A religião dava aos mais humildes e incultos a esperança de atingir a graça e, neste respeito, o metodismo abriu suas portas à classe operária.

Outra influência importante foi o milenarismo de Joanna Southcott<sup>26</sup>, que profetizava nada mais que um apocalíptico fim do mundo. Analisando os motivos de seu apelo para os pobres do período, Thompson salienta que eles não podem ser descartados como um

punhado de extravagantes, destacando que Southcott conseguiu vários seguidores e ocasionou grandes estragos no campo metodista. Porém, *“os metodistas, naturalmente, levavam muitas vantagens sobre os Southcottianos: organização estável, dinheiro e atitude tolerante das autoridades.”* (p.273). O alastramento do metodismo observa, ocorreu simultaneamente ao do Radicalismo, do Cartismo<sup>27</sup> e do Metodismo. *“As doutrinas autoritárias do metodismo alimentaram, às vezes, antíteses libertárias.”* (p.278)

No último capítulo, finalmente, o autor examina alguns dos elementos das comunidades da nova classe operária, a questão da disciplina fabril e do moralismo é mais uma vez destacada. Porém, o autor ressalta que o processo de imposição da disciplina social não deixou de encontrar resistências. As autoridades temiam que as formas de lazer e as relações pessoais de uma forma geral pudessem ser um ponto de partida para a insurreição. Com isso, houve várias tentativas de repressão a estes espaços. À medida que se percebiam as perdas, ocorre um sentimento de orgulho e o crescimento da autoconsciência dos trabalhadores.

*“Tratava-se de uma resistência consciente ao desaparecimento de um antigo modo de vida, freqüentemente associada ao radicalismo político. Nesta mudança, a perda do tempo livre e a repressão ao desejo de se divertir tiveram tanta importância quanto a simples perda física dos direitos comunais e dos locais para recreio.”* (p.300)

Para retratar o crescimento da consciência da classe operária, o autor faz uma descrição das sociedades de auxílio mútuo, que contribuíram fortemente para a criação de sindicatos. Estas sociedades traziam concepções sobre o “homem social” e fundiram os princípios da caridade cristã, da “fraternidade”, da tradição metodista e os conceitos sociais do socialismo owenista.

*“Os valores coletivistas eram defendidos conscientemente, sendo propagados na teoria política, no cerimonial dos sindicatos e na retórica moral. Esta autoconsciência coletiva, associada a teorias, instituições, normas disciplinares e valores comunitários correspondentes, é o que distingue a classe operária do século XIX da plebe do século XVIII.”* (p.317)

Com o passar do tempo, argumenta o autor, pode-se constatar que houve um crescente enfraquecimento da influência das igrejas, e, o metodismo vai cedendo espaço ao owenismo e outros movimentos seculares. As classes trabalhadoras estavam se afastando cada vez mais das seitas religiosas. A chegada dos irlandeses, que trouxeram um revolucionarismo mais primitivo, também foi um importante fator, pois se fundiu com o radicalismo político inglês, o que se concretizou no movimento cartista. E nesse contexto há a formação de uma nova classe operária, mais amadurecida politicamente. Para que isto acontecesse, os vários fatores levantados pelo autor neste segundo volume da obra foram de suma importância.

### **VOLUME III – “A FORÇA DOS TRABALHADORES”<sup>28</sup>**

No terceiro volume se dá a finalização de *A formação*. No primeiro capítulo, Thompson faz um relato histórico do radicalismo popular, comentando as dificuldades encontradas nisso, devido à censura aos movimentos e manifestações durante o período da guerra. Partindo desta premissa, o autor descreve os motins e a insatisfação dos trabalhadores geradas no período, decorrentes principalmente da crise econômica na Inglaterra, devido ao bloqueio continental de Napoleão, que acarretou ao país alto índice de desemprego, forte estagnação industrial e um grande aumento dos preços dos alimentos.

O que houve entre 1802 e 1806 certamente contribuiu para aflorar o sentimento patriótico popular, levando antigos jacobinos a se tornarem patriotas dispostos a denunciar Napoleão. E foi desta forma que surgiu o novo radicalismo.

*“O radicalismo, à medida que avançava o século 19, viria a abranger diversas tendências. Em 1807, ele sugere o tom e a coragem do movimento aplicável a qualquer outra doutrina. Indicava uma oposição inflexível ao governo, desprezo pela fraqueza dos Whigs<sup>29</sup>; oposição a restrições das liberdades políticas; exposição aberta da corrupção e do ‘sistema Pitt’<sup>30</sup>, e apoio geral à Reforma Parlamentar. Havia pouco consenso sobre questões sociais e econômicas e, embora o radicalismo mais coerente fosse o do populacho londrino, era suficientemente amplo para incluir, ocasionalmente, a insatisfação dos industriais ou pequenos fidalgos.”* (p.26)

No pós-guerra, o radicalismo se expressava principalmente pelos pequenos mestres artesãos e comerciantes:

*“O grau de radicalismo desses grupos foi um fator importante na vida política do pós guerra, e teve uma influência sobre uma parcela das liberdades inglesas que se revelou um estorvo contínuo para as autoridades.”* (p.28).

Até 1815,

*“o radicalismo se manteve como um movimento defensivo, um movimento de protesto oralmente articulado, apoiado p o r u m a m p l o descontentamento popular. Não era ainda uma força de ataque.”* (p.30).

Neste período não havia nenhuma ligação do único órgão radical regular, o comitê de Westminster<sup>31</sup>, com os movimentos operários nos centros da Revolução Industrial e com o apoio do movimento Luddista.

No capítulo seguinte, o autor resgata a tradição clandestina das organizações operárias e do próprio movimento Luddista. Esta clandestinidade se dava devido à proibição de reuniões e de qualquer forma de correspondência organizada instauradas pelas leis de Pitt. Após expirar o prazo destas leis, rapidamente as reuniões públicas começavam a ser convocadas numa série de lugares muito distantes entre si. O que fez com que esta legalidade fosse bastante efêmera, levando o governo a red decretar a lei contra reuniões sediciosas e a suspensão do *habeas corpus*. Assim, a agitação tornou-se mais uma vez clandestina. A partir daí, o autor resgata alguns agitadores que atuaram nesta época e afirma:

*“Havia nitidamente alguma organização clandestina em andamento, procurando levar a um canal revolucionário os descontentes com a alta dos preços e a escassez dos alimentos. Disso há provas em demasia, e de demasiadas fontes independentes, para que se possa sustentar a ficção histórica aceita de que a ‘sedição’ só existiu na imaginação de ministros, magistrados e espíões.”* (p.40)

O governo precisava manter uma legislação repressiva, que impedisse a organização popular de alcance nacional. Deste modo, *“a clandestinidade novamente se revelou, e desta vez sob a forma de um violento conflito industrial – o movimento luddista”*<sup>32</sup>.” (p.47)

Thompson afirma que a tradição ilegal, de 1800 a 1820 nunca teve um centro, e essa descentralização levou a uma maior aderência da classe operária. Nesse contexto,

*“o jacobinismo tornara-se inerente às comunidades operárias exatamente no mesmo momento em que perdera qualquer centro nacional e a maior parte do seu apoio de classe média.”* (p.61). Desta forma, segundo o autor, o tronco em que se enxertou o jacobinismo foi o sindicato ilegal. Essa ilegalidade dos sindicatos levada pelas Leis de Associação<sup>33</sup>, que proibia qualquer forma de associação que visasse alguma reforma política, acabou enfrentando um paradoxo, pois os grandes avanços do sindicalismo se registraram justamente nos anos de vigência destas leis. *“As Leis de Associação eram a causa, não só de clandestinidade e desmandos, como também das greves e do próprio sindicalismo.”* (p.85)

Finalmente, tais leis foram revogadas, e Place foi imortalizado na história do sindicalismo, por ter sido o principal artífice dessa revogação. Ele defendeu o fim das Leis por ofenderem a boa economia política e por se indignar com qualquer repressão aos trabalhadores.

*“Os argumentos mais convincentes para a revogação das Leis de Associação tinham sido, em primeiro lugar, a sua constante ineficácia para impedir o crescimento do sindicalismo e, em segundo lugar, o predomínio da ação sindical violenta, agudizada com luddismo.”* (p.88)

O autor resgata a figura dos aparadores de tecido, definindo-os como precursores do movimento, e aqueles que mais se aproximavam da imagem popular dos luddistas, principalmente pelo fato destes estarem em conflito direto contra as máquinas que eles sabiam que iriam substituí-los. Os aparadores:

*“tinham clara consciência de que seu status se tornara instável frente às máquinas que poderiam transformá-los, quase que da noite para o dia, de uma elite em ‘uma categoria de homens desnecessária à manufatura’.”* (p.91).

Porém, em 1806, o caso dos aparadores quase se diluiu dentro das reclamações e reivindicações generalizadas dos trabalhadores.

*“A ameaça da carda mecânica era apenas um elemento dentro de uma reviravolta generalizada contra os grandes patrões, que vinham rompendo com os costumes dos trabalhadores e destruindo um modo de vida estabelecido.”* (p.96)

Thompson afirma que o luddismo subsiste na mentalidade popular como um caso estranho e espontâneo de trabalhadores manuais analfabetos, resistindo cegamente às máquinas, portanto, sustenta que:

*“o caráter do luddismo não foi o de um protesto cego ou de um motim por alimentos (...) Também pouco basta descrever o luddismo como uma forma de sindicalismo ‘primitivo’ (...) Os homens que organizaram, protegeram ou fecharam os olhos ao luddismo estavam longe de ser primitivos. Eram espertos e jocosos; ao lado dos artesãos londrinos, alguns deles estavam entre os elementos com maior clareza de idéias e expressão das ‘classes industriais’.”* (p.113)

Embora tenha sido originado em queixas trabalhistas específicas, o luddismo foi um movimento que contribuiu decisivamente para objetivos revolucionários ulteriores. A partir deste ponto, o autor descreve o movimento luddista nas diferentes cidades, assim como as diferentes intensidades das reivindicações, até sua última fase, em 1817, onde o movimento estava diretamente ligado à política. Critica ainda as fontes tradicionais e a visão tradicional do luddismo que subestima o seu caráter insurrecional e o atribui a uma revolta cega e espontânea, afirmando que:

*“essas concepções acerca do Luddismo só podem se sustentar*

*por um arrazoado unilateral que exagera até o absurdo a estupidez, o rancor e o papel provocador das autoridades, ou por uma falta acadêmica da imaginação que compartimentaliza e desconsidera todo o peso da tradição popular.”* (p.152)

Com o passar do tempo o luddismo passou das reivindicações dos aparadores para metas revolucionárias mais gerais.

*“Pode-se sugerir que, em maio de 1818, luddismo tanto em Lancashire<sup>34</sup> como em Yorkshire<sup>35</sup> tinha, em larga medida, cedido lugar à organização revolucionária, que vinha efetuando contatos através de exilados irlandeses e velhos jacobinos, com muitos centros (...) onde não ocorreu nenhuma revolta luddista.”* (p.175)

Finalizando esta discussão, o autor destaca características essenciais do luddismo, sugerindo que:

*“surgindo ao cabo de 20 anos de silenciamento quase completo de publicações e reuniões públicas, os luddistas não conheciam nenhuma liderança nacional em que pudessem confiar, nenhuma política nacional com que pudessem identificar sua agitação. Portanto, ele sempre foi mais forte a nível de comunidade local e com maior coesão quando envolvido em ações industriais limitadas.”* (p.178).

O que não descartava objetivos maiores e metas ulteriores provenientes em grande medida destes movimentos insurrecionais locais que evidenciava os símbolos de exploração do sistema fabril. O autor analisa o luddismo valorizando as atitudes dos trabalhadores. *“Pode-se ver o luddismo como uma manifestação de uma*

*cultura operária com maior independência e complexidade do que qualquer outra vivida pelo século 18.”* (p.179)

A seguir, o autor discute a “era heróica do radicalismo popular”, após 1815, cujo ponto mais alto da propaganda radical foi a Reforma Parlamentar:

*“O radicalismo foi uma retórica libertária generalizada, uma luta contínua entre o povo e a Câmara dos Comuns não reformada, onde se lançava à frente um problema após o outro.”* (p.182).

Porém, este radicalismo pós-guerra pode ser visto não tanto como um movimento de uma minoria organizada, e sim como a reação das comunidades de trabalhadores, para as quais a única solução para as injustiças era um parlamento reformado que acabasse com qualquer tipo de privilégios. Thompson afirma que *“a nível nacional, o radicalismo nunca conheceu a autodisciplina de uma organização política.”* (p.204). O que acaba levando o movimento a ter lideranças individuais, levando isto a uma forte personalização, vista em Cobbett e Hunt<sup>36</sup>, grandes líderes radicais, cujas idiossincrasias são enfatizados pelo autor como uma evidência da debilidade organizativa do movimento.

*“Todo radical era um protestador político; todo líder reconhecia-se individualista, sem dever respeito a nenhuma autoridade além do seu próprio juízo e consciência pessoal.”* (p.209).

O autor enfatiza esse problema da personalização por considerá-lo primordial para entender a desordem do radicalismo pós-guerra, na qual havia um incentivo crescente às ações individuais e uma crítica profunda às organizações, propagada por tais líderes.

Thompson destaca que em 1817, o luddismo estava desacreditado, e de 1817 até o período cartista, a principal tradição operária foi a que explorava todos os meios de agitação e protesto, sem uma preparação insurrecional ativa. Partindo daí, expõe o massacre de

Peterloo<sup>37</sup> em 1819, que, segundo ele, foi o resultado de uma agitação “constitucionalista” extraordinariamente poderosa, de caráter operário, dentro de um contexto potencialmente revolucionário.

*“O ano de 1819 foi um ensaio para 1832. Em ambos, era possível uma revolução (...) porque o governo estava isolado e existiam profundas divergências dentro da classe dominante. E em 1819 os reformadores apareceram com uma força maior do que jamais ocorrera antes, porque se apresentaram no papel de constitucionalistas.”* (p.258).

*“Os direitos reivindicados pelos reformadores em 1819 eram o de organização política, liberdade de imprensa e liberdade de reunião pública; além deles, o direito de voto. Podemos tomá-lo por ordem. Quanto ao primeiro, a classe operária britânica já se tornara – como persistiria por 100 anos – talvez a classe operária mais associável da Europa. É formidável a facilidade com que os trabalhadores ingleses formavam sociedades no início do século XIX.”* (p.259-260)

Além disso, o autor ainda resgata a discussão a respeito da imprensa destacando a importância dos jornais e periódicos:

*“que irradiavam o radicalismo de Londres até as províncias, cujos editores, publicadores, livreiros, vendedores ambulantes e até pregadores de cartazes estiveram na frente do combate pela liberdade de imprensa entre 1817 e 1822.”* (p.264).

O efeito da imprensa radical representou um fenômeno que atingia amplos

setores da população, fazendo com que todos lessem e discutissem política e compartilhassem dos mesmos descontentamentos e desafios.

No último capítulo do livro, o autor analisa como se deu a formação da consciência de classe entre os trabalhadores, contextualizando todos os fatores que influenciaram esse processo, sendo que, dentre eles, talvez o mais importante tenha sido o owenismo. Resgatando os momentos históricos dos anos de 1820, Thompson afirma que esta década é considerada calma em comparação à década radical antecedente e a década cartista subsequente. Mas é nesse período que é possível falar da formação de uma nova consciência de classe entre os trabalhadores.

*“Esses anos calmos foram os anos de luta de Richard Carlile<sup>38</sup> pela liberdade de imprensa; do aumento da força sindical e da revogação das Leis de Associação; do crescimento do livre pensamento, da experiência cooperativa e da teoria owenista.”* (p.303)

O radicalismo destes anos foi permeado por uma cultura intelectual, que somada à experiência própria, ajudaria os trabalhadores a formarem um quadro fundamentalmente político de organização.

*“De 1830 em diante, veio a amadurecer uma consciência de classe, no sentido marxista tradicional, mais claramente definida com a qual os trabalhadores estavam cientes de prosseguir por conta própria em lutas antigas e novas.”* (p.304)

Dessa forma, constituíra-se um público leitor da imprensa radical. Mas o ano de 1832 revelou que existiam de fato dois públicos radicais: o de classe média e o de classe operária. Após intensa mobilização na qual os trabalhadores tiveram um papel fundamental, a Reforma Parlamentar obtida

naquele estendeu o voto às classes médias e a alguns extratos superiores dos mestres artesãos, forjando uma nova aliança entre esses e a burguesia inglesa, que se tornava cada vez mais influente. Esta aliança era galvanizada pela ideologia de defesa do livre mercado e pela concepção de mundo utilitarista.

O movimento operário, porém, como sinal da constituição de uma identidade própria, gerava também seus próprios jornalistas, que já vinham amadurecendo para o futuro movimento cartista: *“o que devemos observar é o grau em que a luta pelas liberdades de imprensa teve uma influência formadora fundamental para o movimento que se modelava.”* (p.323-324). O autor descreve os meios repressivos a estes movimentos da imprensa militante sofridos pelos jornaleiros que iam presos por vender panfletos e poemas sediciosos. E ressalta que

*“na retórica da democracia do século 20, esses homens e mulheres foram, em sua maioria, esquecidos por serem impudentes, vulgares, excessivamente entusiastas ou fanáticos.”* (p.327)

Os reformadores tinham confiança total na proliferação dos panfletos, e consideravam os jornaleiros como as molas propulsoras da Reforma. A propaganda teve essencial importância para a expansão da organização radical, desde as cidades grandes e regiões industriais até os pequenos burgos e cidades-mercados. Posteriormente, nos anos de 1832 e nos tempos cartistas, observa-se a proliferação dos núcleos radicais formados pelos próprios artesãos locais.

Thompson, mais uma vez, destaca William Cobbett como uma figura importante, atribuindo a ele a criação da cultura intelectual radical, pelo fato de ter oferecido as idéias e os argumentos mais originais que acabaram por unir num mesmo discurso diversos setores dos trabalhadores, extraíndo um consenso radical da diversidade das injustiças e interesses. Essa influência poderia ter alguns aspectos negativos:

*“Cobbett, de fato, ajudou a criar e alimentar o antiintelectualismo e oportunismo teórico (disfarçado de empirismo ‘prático’) que se conservavam como uma importante característica do movimento trabalhista britânico.”* (p.353)

Mas no entender de Thompson, a contribuição positiva acabou sendo muito mais importante:

*“Cobbett contribuiu mais do que qualquer outro escritor para impedir que os radicais e cartistas se convertessem nas vivandeiras dos utilitaristas<sup>39</sup> ou da Liga Contra a Lei do Trigo<sup>40</sup>. Alimentou a cultura de uma classe, cujos erros sentia, mas cujas soluções não conseguiu entender.”* (p.361)

Além de Cobbett, outros pensadores originais também vieram a moldar a consciência política de classe após 1832. Dentre eles, Carlile, Wade<sup>41</sup> e Gast<sup>42</sup>. O primeiro tomou uma parte das idéias de Paine (a doutrina dos direitos individuais) e negligenciou outras, levando o ultra-individualismo a um limite extremo, tendo aversão a sindicatos, sociedades e clubes políticos. Isso influenciou outros pensadores, que encaravam a situação de forma semelhante.

Após analisar todos estes acontecimentos influenciadores, Thompson finalmente chega à grande influência do owenismo no amoldamento subjetivo da consciência dos trabalhadores. Estando já largamente difundidas as teorias de contestação ao capital, visto como parasitário do trabalho, Owen oferece pela primeira vez um caminho para tentar a superação desta situação. A origem do owenismo baseia-se na tradição paternalista, com a sua fábrica exemplar instalada em New Lanark, Escócia atendendo plenamente ao conceito capitalista de disciplina no trabalho enquanto, por outro lado, oferecia condições de vida

incomparavelmente superiores às desfrutadas pelos trabalhadores em outros lugares. Depois passa a ser atribuído a Owen o papel de pai do socialismo. Owen propunha-se a colocar os pobres em “Aldeias de Cooperação”, ou vilas de unidade e cooperação mútua, onde:

*“depois de um subsídio de capital a partir dos impostos – eles poderiam pagar por conta própria, e se tornariam ‘úteis’, ‘industriosos’, ‘racionais’, autodisciplinados e também moderados.”* (p.383).

Apesar de reconhecer a grandeza do papel histórico de Owen, Thompson não o poupa de críticas:

*“Mesmo que Owen estivesse de profunda boa-fé (como alguns radicais se dispunham a conceder), e realmente consternado com a miséria do povo, seu plano, se fosse assumido pelo governo, certamente se orientaria nesse rumo.”* (p.383).

*“Por mais admirável que Owen fosse como pessoa, era um pensador absurdo e, ainda que tivesse a coragem dos excêntricos, era um líder político nocivo. (...) Por seus textos não passa o mínimo senso dos processos dialéticos de transformação social, de ‘prática revolucionadora’.”* (p.388)

Mas é importante destacar que Owen tinha profunda clareza do papel parasitário do capitalista e que o trabalho manual é fonte de toda a riqueza. O fundamental para Thompson, porém, era que o owenismo foi muito além do seu inspirador: *“A imprecisão do pensamento de Owen, tornou possível a coexistência de diferentes tendências intelectuais dentro do movimento. E devemos mais*

*uma vez insistir que o owenismo era mais saudável e mais forte em termos intelectuais do que o pensamento do seu mestre.”* (p.399).

Quando o owenismo vem como um meio de unir os trabalhadores organizados do país num movimento comum é que a história do owenismo e do sindicalismo geral devem ser tomadas em conjunto. Embora Thompson reconheça o owenismo como a primeira das grandes doutrinas sociais que veio a prender a imaginação das massas, ressaltou também sua viciosa fraqueza: o fato de não mexer nos direitos de propriedade.

*“O que era irracional no owenismo (ou ‘utópico’, em sua acepção pejorativa usual) era a impaciência da propaganda, a fé na multiplicação da razão através de palestras e folhetos, a atenção inadequada aos meios. Sobretudo, havia a evasão fatal de Owen frente as realidades do poder político, e sua tentativa de se desviar da questão dos direitos de propriedade. O socialismo cooperativo pretendia remover o capitalismo, de forma indolor e sem nenhum embate, por exemplo, pela educação e pelo seu crescimento dentro do próprio capitalismo, a partir de suas aldeias, oficinas e lojas.”* (p.409)

Neste ponto da exposição, Thompson conclui o livro, já tendo identificado todas as formas e influências que culminaram na formação da classe operária inglesa, presente e atuante no seu fazer-se. Examinada a configuração cultural única que permite dizer que, no início da década de 1830, a classe operária já estava constituída, o autor volta a analisar o movimento político de uma forma geral, passando a dar destaque à questão do voto que, segundo ele, foi o ponto de convergência das agitações que ocorreram de 1832 ao cartismo, representava naquele

período a chave mais prática para o poder político.

*No contexto dos anos owenistas e cartistas, a reivindicação do direito de voto implicava também e m outras reivindicações: uma nova forma de os trabalhadores tentarem alcançar o controle social sobre suas condições de vida e de trabalho.* (p.435)

Para Thompson, o pensamento político desses anos leva a entender a história do sindicalismo geral e aos primeiros anos do cartismo, nas quais o internacionalismo, herança jacobina, fazia-se presente. Assim, com a emergência desta nova autoconsciência coletiva, a formação da classe operária, que tomava para si o papel de protagonista das lutas pela democracia e pela justiça social, representava o grande ganho da revolução industrial.

## CONCLUSÃO

É possível traçar aqui um paralelo entre a nossa visão sobre a contribuição para a renovação da história social dada por Thompson em *A formação* e a análise da obra de Michelet feita por Edmund Wilson. Para o grande ensaísta norte-americano, o historiador francês, na sua busca por uma forma de integrar à construção da sua narrativa a reflexão sobre os grandes problemas de filosofia da história apontados pioneiramente pelo italiano Giambattista Vico, deparava-se com dois problemas fundamentais:

Um deles era a tarefa enervante da qual já o ouvimos queixar-se em suas cartas: fundir materiais díspares, indicar as inter-relações das formas diversas de atividades humanas. O outro era o de recapturar, por assim dizer, a forma e a cor peculiares de um momento histórico tal como o experimentaram os homens que nele viveram – voltar ao

passado como se fosse presente, e ver o mundo sem ter uma visão definida do futuro ainda inexistente.<sup>43</sup>

A busca obstinada por enfrentar esses desafios leva ao desenvolvimento de um estilo pessoal inconfundível:

Michelet manipula seus temas, abandonando-os e retomando-os periodicamente, como se trançasse uma corda [...] Porém, a imagem de uma corda sendo trançada é grosseira demais. Não há imagem, exceto a própria vida, que exprima [sua] inteligência penetrante e extrema perícia de exposição [...] <sup>44</sup>

Do mesmo modo, conforme já apontamos em trabalho anterior, é fundamental identificar a complexidade com que os vários tópicos presentes à narrativa construída por Thompson são analisados em sua particularidade para, posteriormente, voltarem a ser tecidos em todo articulado. A contribuição teórica no autor, portanto, dificilmente pode ser identificada em um ou outro trecho de síntese ou de polêmica historiográfica, mas se encontra principalmente na seleção de materiais e na forma como eles são articulados entre si. Acompanhar os fios com os quais Thompson tece a sua narrativa permite compreender que a sua contribuição inovadora para a análise dos processos de formação de classe não pode ser resumida à repetição de fórmulas descontextualizadas, tais como “a classe esteve presente ao seu próprio fazer-se”:

*A formação* permanece instigante, entre outros motivos, por *não* oferecer uma teoria das classes sociais, e por *não* apresentar os trabalhadores como sujeitos predestinados da redenção da humanidade. Mas sim por oferecer uma narrativa na qual seres humanos explorados e oprimidos por forças econômicas e políticas avassaladoras vivenciam a destruição do seu modo de vida e dos seus valores e, por vias

diversificadas e não raro contraditórias, pouco a pouco constroem uma nova cultura, estabelecem sua presença coletiva e diferenciada como um novo divisor de águas no cenário nacional de uma potência capitalista hegemônica e legam à posteridade valores políticos revolucionários de impacto duradouro.<sup>45</sup>

Esperamos que este breve exercício contribua para introduzir novos leitores ao estudo de *A formação*, uma obra que, pela sua densidade e riqueza, continua a dar margem a uma grande diversidade de leituras sobre um amplo leque de temas que continuam a se constituir em objetos centrais de reflexão da história social.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUNYAN, J. e L. E. Hazelbaker. *The pilgrim's progress in modern English*. North Brunswick, NJ: Bridge-Logos Publishers. 1998. Xxii.
- BURKE, E. *Reflexões sobre a revolução em França*. Brasília: Editora da Unb. 1982
- BURKE, E. e J. G. A. Pocock. *Reflections on the Revolution in France*. Indianapolis, Ind.: Hackett Pub. Co. 1987. Ivii.
- ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global. 1985
- Fortes, A. O direito na obra de E. P. Thompson. *História Social*, v.2, p.89-111. 1995.
- \_\_\_\_\_. “Miríades por toda a eternidade”: a atualidade de E. P. Thompson. *Tempo Social*, v.18, n.1, junho de 2006, p.197-215. 2006.
- FORTES, A., A. L. Negro, et al. As peculiaridades de E. P. Thompson. In: (Ed.). *As peculiaridades dos Ingleses e outros textos*.

Campinas: Editora da Unicamp, 2001. As peculiaridades de E. P. Thompson., p.11-45  
Halévy, E. *A history of the English people in 1815*. London ; New York: Ark Paperbacks. 1987. xxix

PAINE, T. *Os direitos do homem : uma resposta ao ataque do Sr. Burke a Revolução Francesa*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1989

PAINE, T. e M. Philp. *Rights of man ; Common sense ; and other political writings*. Oxford ; New York: Oxford University Press. 1995. xxxiii (The World's classics)

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987a

\_\_\_\_\_. *A formação da classe operária inglesa, Volume I "A árvore da liberdade"*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987b.

\_\_\_\_\_. *A formação da classe operária inglesa, Volume II "A maldição de Adão"*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987c.

\_\_\_\_\_. *A formação da classe operária inglesa, Volume III "A força dos trabalhadores"*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987d.

\_\_\_\_\_. A economia moral da multidão inglesa no século XVIII. In. *Costumes em comum - Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005a. pp.150-202

\_\_\_\_\_. A economia moral revisitada. In: *Costumes em comum - Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005b. pp.203-266

Wilson, E. *Rumo à Estação Finlândia*. São Paulo: Companhia das Letras. 1987

#### (Endnotes)

<sup>1</sup> (Thompson, 1987a)

<sup>2</sup> (Fortes, 1995; 2006)

<sup>3</sup> (Fortes, Negro *et al.*, 2001)

<sup>4</sup> (Fortes, 2006) p. 198.

<sup>5</sup> (Fortes, 2006) pp. 203-208.

<sup>6</sup> Quando não indicado diferentemente, todas as citações desta seção se referem a (Thompson, 1987b).

<sup>7</sup> (Thompson, 1987b), pp. 19-20.

<sup>8</sup> Para edições relativamente recentes dos dois livros mencionados em inglês, cf: (Bunyan e Hazelbaker, 1998); (Paine e Philp, 1995). Em português, há uma versão on-line do primeiro, disponível em: <http://www.libroportugues.org/706C67726D3131/> a publicação mais recente do segundo é (Paine, 1989).

<sup>9</sup> "John Bunyan (28 de Novembro de 1628 – 31 de Agosto de 1688, Londres), foi um escritor cristão e um pregador nascido em Harrowden, Elstow, Inglaterra. Foi o autor de *The Pilgrim's Progress (O Peregrino)*, provavelmente a alegoria cristã mais conhecida que alguma vez foi publicada."

Cf: [http://pt.wikipedia.org/wiki/John\\_Bunyan](http://pt.wikipedia.org/wiki/John_Bunyan)

<sup>10</sup> Thomas Paine (29 de Janeiro de 1737, Thetford, Inglaterra - 8 de Junho de 1809, Nova Iorque, Estados Unidos). Pensador e líder político republicano britânico que participou de forma ativa dos movimentos de Independência dos Estados Unidos e da Revolução Francesa.

<sup>11</sup> "William Cobbett (9 de março de 1763 – 18 de junho de 1835) foi um político radical, agricultor e prolífico jornalista. Nasceu em Farnham, Surrey. Acreditava que a reforma do parlamento e a abolição do burgos podres (Nota do Tradutor: distritos controlados pela aristocracia que elegiam parlamentares com votações insignificantes) ajudariam a solucionar a situação de pobreza dos trabalhadores rurais". Tradução baseada em: [http://en.wikipedia.org/wiki/William\\_Cobbet](http://en.wikipedia.org/wiki/William_Cobbet).

<sup>12</sup> "Robert Owen (14 de maio de 1771 - 17 e novembro de 1858) foi um reformador social galês, e um filósofo socialista libertário. É considerado o pai do movimento cooperativo." Cf: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Robert\\_Owen](http://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Owen)  
Cf: [http://pt.wikipedia.org/wiki/John\\_wesley](http://pt.wikipedia.org/wiki/John_wesley)  
A edição mais recente da obra mencionada por

Thompson é: (Halévy, 1987)<sup>15</sup> “Edmund e (Dublin, 12 de janeiro de 1729 — Beaconsfield, 9 de julho de 1797) foi um filósofo e político anglo-irlandês. Advogado, dedicou-se primeiramente a escritos filosóficos dos quais destaca-se *An Inquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and the Beautiful* (“Investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do Sublime e do Belo”) (1757)”. Cf: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Edmund\\_burke](http://pt.wikipedia.org/wiki/Edmund_burke). Burke é considerado o pai fundador do conservadorismo moderno.

<sup>16</sup> Thompson viria a desenvolver de forma mais aprofundada o conceito de “economia moral” em obras posteriores. Em português, ver: (Thompson, 2005a; b).

<sup>17</sup> Para uma versão recente em inglês, ver: (Burke e Pocock, 1987). Em português: (Burke, 1982).

<sup>18</sup> “Thomas Spence (21 de junho de 1750 – 8 de setembro de 1814) foi um democrata radical e advogado da propriedade comum da terra. Nasceu em Newcastle-on-Tyne, Inglaterra, filho de um sapateiro e fazedor de redes escocês. Uma disputa relacionada aos direitos sobre terras comunais em Newcastle o impeliu ao estudo da questão agrária. Suas propostas não eram pela nacionalização da terra, mas pelo estabelecimento de paróquias comunitárias auto-contidas, nas quais um aluguel pago à paróquia (que seria investida com propriedade absoluta das terras) seria o único tipo de imposto a ser pago.” Tradução baseada em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Thomas\\_Spence](http://en.wikipedia.org/wiki/Thomas_Spence)<sup>19</sup> “Francis Place (3 de novembro de 1771 – 1º de janeiro de 1854) foi um reformador social inglês. Trabalhou como um alfaiate, mas encontrou tempo para ser um pioneiro defensor dos anticoncepcionais e o radical do início do século XIX, que se tornou amigo e foi apoiado por muitas figuras influentes, incluindo Joseph Hume, Sir Francis Burdett, e Jeremy Bentham. Publicou seu livro mais influente e chocante, *Illustrations and Proofs of the Principles of Population*, em 1822.”

Tradução baseada em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Francis\\_Place](http://en.wikipedia.org/wiki/Francis_Place)

<sup>20</sup> John Binns, líder jacobino inglês, foi preso sem julgamento no Castelo de Gloucester durante a agitação popular de 1792.

<sup>21</sup> Cidade industrial do condado inglês de South Yorkshire, especializada em cutelaria desde tempos medievais. O declínio de Sheffield como pólo metalúrgico no final do século XX foi retratado de forma bem-humorada no filme *Ou tudo ou nada* (título original: *Full Monty*), do diretor britânico Peter Cattaneo (1997), sobre um grupo de ex-operários que organiza e protagoniza um show de strip-tease.

<sup>22</sup> “John Thelwall (1764-1834) foi um orador e escritor radical britânico. Publicou um volume de poesias, *Poems on Various Subjects*, em 1787, e *The Peripatetic; or, Sketches of the Heart, of Nature and Society; in a Series of Politico-Sentimental Journals* em 1793. De 1795 a 1796, publicou *The Tribune*, um periódico que consistia basicamente das suas próprias palestras políticas. Ajudou a formar a Sociedade Londrina de Correspondência. Em 1794, foi julgado por traição junto com seus companheiros radicais John Horne Tooke e Thomas Hardy, embora todos os três tenha sido inocentados. Autoridades governamentais que o consideravam o homem mais perigoso da Grã-Bretanha continuaram a persegui-lo mesmo após a sua libertação.” Tradução baseada em: [http://en.wikipedia.org/wiki/John\\_Thelwall](http://en.wikipedia.org/wiki/John_Thelwall)

<sup>23</sup> Quando não indicado diferentemente, todas as citações desta seção se referem a (Thompson, 1987c)

<sup>24</sup> Thompson refere-se a (Engels, 1985)

<sup>25</sup> Thompson refere-se a um documento publicado pela imprensa operária da época, denominado “O discurso do Oficial Tecelão”, que reproduz integralmente no seu livro.

<sup>26</sup> “Joanna Southcott (ou Southcote) (abril, 1750 – 27 de dezembro de 1814), era uma auto-declarada profetiza religiosa. Nasceu em Gittisham, Devon, England. Seu pai era um agricultor e ela própria foi, por tempo considerável uma empregada doméstica em

Exeter. Ela era originalmente uma metodista, mas por volta de 1792, tornando-se persuadida de que possuía dons sobrenaturais, ela escreveu e ditou profecias em rima e então se anunciou como a mulher descrita no livro da Revelação — Na versão da Bíblia do Rei James (utilizada pela Igreja Anglicana), Revelação 12:1-6. Traduzido de: [http://en.wikipedia.org/wiki/Joanna\\_Southcott](http://en.wikipedia.org/wiki/Joanna_Southcott)

<sup>27</sup> “O cartismo caracteriza-se como um movimento social inglês que se iniciou na década de 30 do século XIX tendo como base a carta escrita pelo radical William Lovett, intitulada Carta do Povo, e enviada ao Parlamento Inglês. Naquele documento percebem-se as seguintes exigências: Sufrágio universal masculino (o direito de todos os homens ao voto); Voto secreto através da cédula; Eleição anual; Igualdade entre os direitos eleitorais; Participação de representantes da classe operária no parlamento; Remuneração aos parlamentares.” Cf: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cartismo>

<sup>28</sup> Quando não indicado diferentemente, todas as citações desta seção se referem a (Thompson, 1987d)

<sup>29</sup> “O *Whig Party* era o partido que reunia as tendências liberais no Reino Unido, e contrapunha-se ao *Thory Party*, de linha conservadora.” Cf: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Whigs>

<sup>30</sup> “William Pitt, o Velho, 1º conde de Chatham, estadista britânico, ministro da Guerra durante a guerra dos Sete Anos, quando conduziu seu país à vitória sobre a França, e primeiro-ministro (1766-1768).” Cf: [http://pt.wikipedia.org/wiki/William\\_Pitt%2C\\_1%C2%B0\\_Conde\\_de\\_Chatham](http://pt.wikipedia.org/wiki/William_Pitt%2C_1%C2%B0_Conde_de_Chatham)

<sup>31</sup> “Cidade de Westminster (em inglês, *City of Westminster*) é um borough ou distrito da Grande Londres situada ao oeste do distrito City of London (ou simplesmente a *City*) ou Cidade de Londres e ao norte do rio Tâmsa”. Cf: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Westminster>

<sup>32</sup> “Luddismo é o nome do movimento que se insurgiu contra as profundas alterações trazidas pela chamada ‘Revolução Industrial’. As reclamações contra as máquinas e a sua substituição em relação à mão-de-obra

humana, já eram normais. Mas foi em 1811, na Inglaterra, que o movimento estourou, ganhando uma dimensão significativa. O nome deriva de Ned Ludd, um dos líderes do movimento. Os luditas chamaram muita atenção pelos seus atos. Invadiram fábricas e destruíram máquinas, que, segundo os luditas, por serem mais eficientes que os homens, tiravam seus trabalhos, requerendo, contudo, duras horas de jornada de trabalho. Os luditas ficaram lembrados como ‘os quebradores de máquinas’. [...] Para o historiador Eric J. Hobsbawm, o ludismo ‘era uma mera técnica de sindicalismo no período que precedeu a revolução industrial e as suas primeiras fases’. Cf: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ludismo> Há certo consenso na historiografia de que Ned Ludd (também chamado “General Ludd” ou “King Ludd”) é na verdade uma figura lendária, cujas supostas “ordens” eram utilizadas como uma justificativa simbólica para os atos de revolta praticados. Thompson foi um dos historiadores que contribuiu para desmontar uma imagem caricatural dos ludistas como rebeldes irracionais, demonstrando como o movimento construir uma estrutura nacional, articulou a ação direta com a tentativa de pressão sobre o parlamento e organizou treinamentos militares extremamente elaborados para grande número de ativistas engajados nas suas atividades clandestinas.

<sup>33</sup> “A Lei de Associação de 1799, intitulado *An Act to prevent Unlawful Combinations of Workmen*, proibia os sindicatos e a negociação coletiva pelos trabalhadores britânicos. Um ato adicional foi aprovado em 1800. [...] Coletivamente, esses atos se tornaram conhecidos como *Combination Laws* (Leis de Associação). Os de 1799 e 1800 foram aprovados sob o governo de William Pitt, o jovem, como uma resposta à atividade jacobina e ao medo de que os trabalhadores fossem à greve durante uma guerra para forçar o governo a atender às suas demandas. A legislação levou as organizações trabalhistas para a clandestinidade. Simpatias pelas reivindicações dos trabalhadores levaram à rejeição dos atos em 1824. O lobby liderado

pelo alfaiate radical Francis Place desempenhou um papel importante nisso. Todavia, em resposta a uma série de greves que se seguiram, a *Lei de Associação de 1825* foi aprovada, permitindo os sindicatos mas restringido severamente as suas atividades.” Traduzido a partir de: [http://en.wikipedia.org/wiki/Combination\\_acts](http://en.wikipedia.org/wiki/Combination_acts)

<sup>34</sup> Condado do noroeste da Inglaterra.

<sup>35</sup> Condado do nordeste da Inglaterra.

<sup>36</sup> “Henry ‘O orador’ Hunt (6 de novembro de 1773 – 15 de fevereiro de 1835) foi um orador e agitador radical britânico lembrado como um pioneiro do radicalismo de operário e uma importante influência no posterior movimento cartista. Ele defendeu a reforma parlamentar e denunciou as Leis do Trigo. Hunt foi levado à política radical inicialmente durante as Guerras Napoleônicas, tornando-se um apoiador de Francis Burdett. Seu talento para falar em público foi notado na política eleitoral de Bristol, onde ele denunciou a complacência tanto de Whigs quanto de Tories, e proclamou-se um defensor do radicalismo democrático. Foi graças ao seu talento particular que um novo programa político para além da estreita política cotidiana progrediu aceleradamente nos anos difíceis que se seguiram à conclusão da guerra com a França.” Traduzido de: [http://en.wikipedia.org/wiki/Henry\\_Hunt\\_%28politician%29](http://en.wikipedia.org/wiki/Henry_Hunt_%28politician%29).

<sup>37</sup> “O Massacre de Peterloo de 16 de agosto de 1819 foi o resultado de uma carga de cavalaria contra a multidão em uma reunião pública em St Peter’s Fields, Manchester, Inglaterra. Também é chamado de Massacre de Manchester ou, às vezes, Batalha de Peterloo. Onze pessoas foram mortas e mais de 500 ficaram feridas, incluindo muitas mulheres e crianças”. Traduzido de: [http://en.wikipedia.org/wiki/Peterloo\\_Massacre](http://en.wikipedia.org/wiki/Peterloo_Massacre)

<sup>38</sup> “Richard Carlile (9 de dezembro de 1790 – 10 de fevereiro de 1843) foi um importante agitador pelo estabelecimento do sufrágio universal e pela liberdade de imprensa no Reino Unido.” Traduzido de: [http://en.wikipedia.org/wiki/Richard\\_Carlile](http://en.wikipedia.org/wiki/Richard_Carlile)

<sup>39</sup> Concepção filosófica elaborada por pensadores como Jeremy Bentham (1748-

1832) e John Stuart Mill (1806-1873). Baseia-se na idéia de que seria possível calcular a moralidade de um ato não em função de princípios ou valores intrínsecos, mas sim tendo como base as suas conseqüências sobre o bem-estar do maior número de pessoas. De fundamentação supostamente racionalista, a filosofia utilitarista serviu para justificar as conseqüências sociais negativas das políticas de livre mercado e a imposição de controles disciplinares sobre os trabalhadores e os pobres em geral durante a revolução industrial a partir do que os seus defensores consideravam ser o benefício superior para a coletividade nacional que adviria do crescimento econômico.

<sup>40</sup> “A Liga Contra as Leis do Trigo foi, de fato, a retomada da Associação Contra as Leis do Trigo, criada em Londres em 1836 mas que não obteve ampla popularidade. A Liga Contra as Leis do Trigo foi fundada em Manchester, 1838, e Richard Cobden and e Bright foram as duas principais figuras do movimento, enquanto George Wilson, o presidente da Liga, estava encarregado das tarefas administrativas. O objetivo da Liga era a abolição das Leis do Trigo (o que foi obtido em 1846). Depois que esse objetivo foi alcançado, a Liga desafiou as práticas protecionistas na Grã-Bretanha. O objetivo era estabelecer uma economia de livre-mercado pleno [...]” Traduzido de: [http://en.wikipedia.org/wiki/Anti-Corn\\_Law\\_League](http://en.wikipedia.org/wiki/Anti-Corn_Law_League)

<sup>41</sup> John Wade, ex-oficial classificador de lã, organizador operário e editor de periódicos como *Gorgon* (1818-1819). Segundo Thompson, Wade destacou-se como investigador das condições de vida e trabalho da classe trabalhadora no período.

<sup>42</sup> “**John Gast** (1772-1837) era um construtor de navios por ofício que trabalhou no Estaleiro Deptford, no sudeste de Londres (embora eles estivesse também associado com a vizinha Rotherhithe, onde ele viveu por um certo tempo), e um sindicalista pioneiro. Tendo tentado fundar sem sucesso uma organização trabalhista durante a década de 1790, ele ajudou a organizar a *‘Hearts of Oak Benefit*

*Society* (Sociedade Beneficente Corações de Carvalho) durante a greve dos estaleiros de 1802 e advogou pelos direitos dos trabalhadores em panfletos radicais como *Calumny Defeated, or A Complete Vindication of the Conduct of the Working Shipwrights, during the late Disputes with their Employers* ('A Calúnia Derrotada, ou uma Defesa Completa da Conduta dos Trabalhadores em Estaleiros durante as últimas Disputas com seus Empregadores') (1802). Tendo se envolvido com esforços regionais para construir sindicatos (notavelmente o *Metropolitan Trades Committee* - Comitê Metropolitano dos Ofícios), em 1822 Gast formou um 'Committee of the Useful Classes' ('Comitê das Classes Úteis'), às vezes descrito como um pioneiro conselho nacional de ofícios, e em 1824 ele foi o primeiro secretário da 'Thames Shipwrights Provident Union' ('União de Previdência dos Trabalhadores em Estaleiros do Tâmis'). Gast também promoveu a organização inter-sindical 'The Philanthropic Hercules' ('O Hércules Filantrópico')". Traduzido de: [http://en.wikipedia.org/wiki/John\\_Gast](http://en.wikipedia.org/wiki/John_Gast)<sup>43</sup> (Wilson, 1987), p. 24.

<sup>44</sup> (Wilson, 1987), p. 26.

<sup>45</sup> (Fortes, 2006), p. 208.